



Mãe gaúcha acusa seita de esconder seus filhos

As crianças estão com os Meninos de Deus nas Filipinas, sujeitas a ritos exóticos e prostituição

LINA DE ALBUQUERQUE E
WALTER FALCETA JR.

Aos 39 anos, a gaúcha Dalva Agne Lynch começa a travar a maior e mais dura batalha de sua vida: recuperar três dos seus filhos das mãos dos **Meninos de Deus**, seita de origem americana adepta do incesto, da pedofilia e da sedução como formas de aliciamento religioso. Ela não vê as crianças desde o dia 19 de novembro de 1985, quando foi acusada de bruxaria pelos membros da seita e expulsa de sua casa, em Dallas, no Texas, depois de viver nove anos com o marido, o americano Robert Dennis Lynch.

Dalva abandonou os Meninos em julho de 1988, mas só agora eriou coragem para denunciar os horrores que diz ter passado entre membros da seita e lutar pela recuperação dos seus filhos — David, 11 anos; Joseph Gabriel, 10 anos, e Suzanne Harriet, 7 anos — que moram em Manilha, capital das Filipinas, numa das muitas comunidades dos Meninos espalhadas pelo mundo.

"Essa denúncia à imprensa é a primeira investida na luta para rever meus filhos", diz Dalva, que hoje vive em São Paulo de forma clandestina, por medo de represálias de seus antigos companheiros. Ela planeja apelar à embaixada americana, à Polícia Federal e ao governo filipino, inspirada na atitude de algumas mães americanas que conseguiram resgatar seus

filhos da seita (veja texto abaixo).

PROSTITUIÇÃO

Quatro anos depois de sua saída dos Estados Unidos, Dalva — hoje unida ao chileno Manuel Aguilera, um ex-seguidor da seita, com quem tem dois filhos, Samuel e Mercedes — ainda relata com rancor os detalhes da desintegração de sua primeira família. Em 1985, época em que o marido trabalhava como executivo na empresa de mudanças Interconex, ela convidou uma família da seita para passar um período em sua casa. Essa família estendeu o convite a outra, que por seu turno, trouxe uma terceira para o abastado lar dos Lynch.

"Quando eles entraram em minha casa fiz amor com todos de bom grado e até cheguei a me prostituir", revela. Dalva pertencia à seita desde 1974, quando foi atraída por um grupo gaúcho dos meninos, que a ajudaram a abandonar o vício da cocaína. Nessa época, seu marido tinha posição de liderança no ramo brasileiro da organização. Eles se casaram no Rio em 1976. "Nesse tempo tudo era lindo, nem existia toda essa permissividade sexual", afirma.

Em 1977 o casal mudou para os Estados Unidos e, dali, seguiu numa viagem de três anos por Grécia e Egito, sempre mantendo contato com os agrupamentos dos Meninos. No início de 1981, decididos a não mais viver em comunidades, por reprovar algumas de seus condutas, Dalva e o marido retornaram aos EUA para levar uma vida convencional. Continuaram ligados à seita, mas mantinham distância física de seus adeptos. "Hoje me arrependo de ter tra-

zido a primeira família para dentro de minha casa", diz ela. "Meu marido foi seduzido e voltou-se contra mim, tornei-me uma escrava e perdi meus filhos."

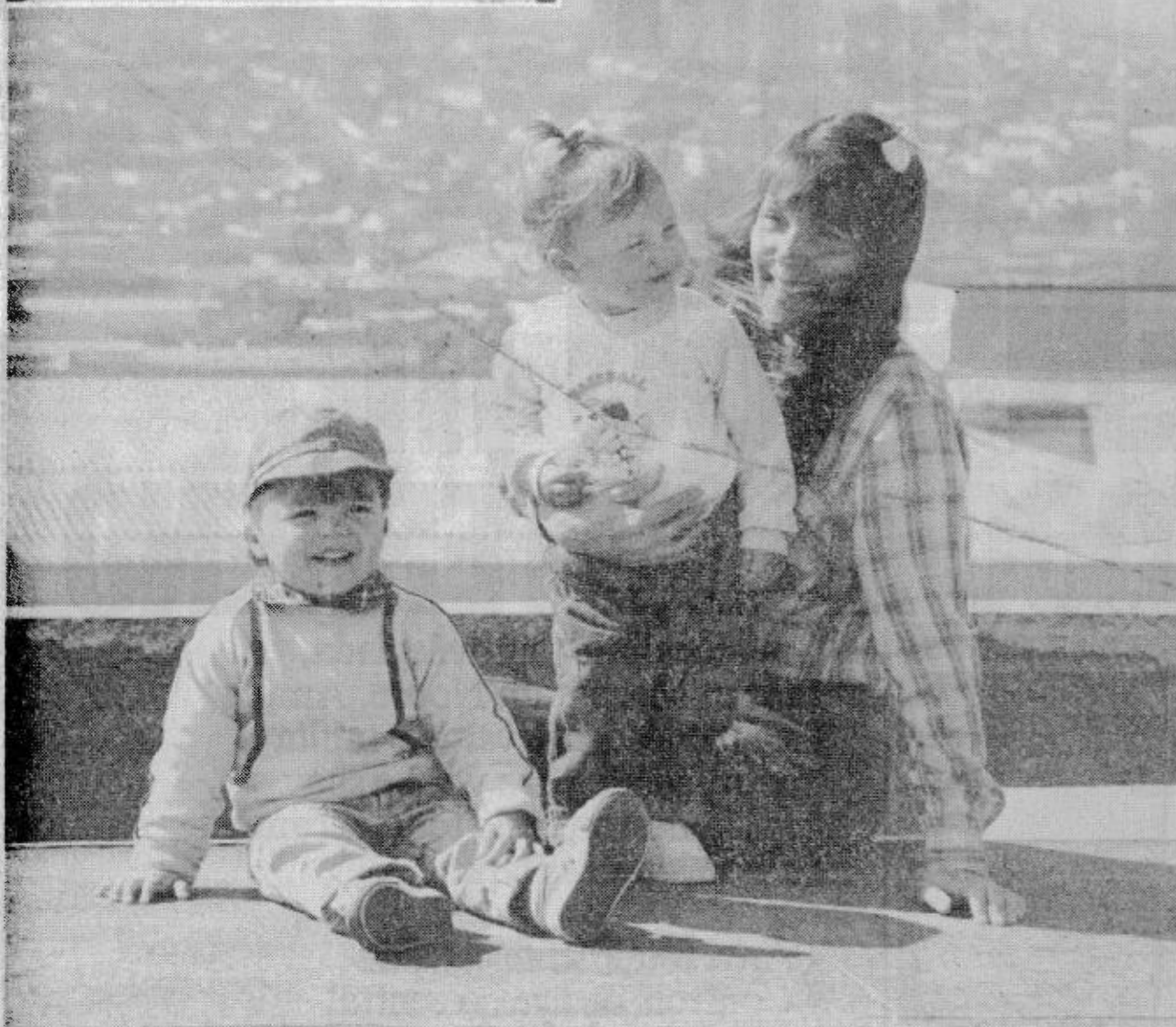
PESCARIA

Na época ela não pensava assim, tanto que procurou insistentemente ser admitida novamente no ramo brasileiro da seita. O esforço durou um ano, e só teve resultado quando conseguiu "pescar" — aliciar sexualmente para o grupo — o seu atual companheiro, filho de um industrial chileno. "Eu me considerava realmente expulsa do céu, e queria voltar", lembra.

Em São Paulo, Dalva voltou a viver em comunidade, num dos vários endereços que o movimento mantém na cidade. Os Meninos de Deus são muito arduos, e mudam-se ao menor sinal de que a casa onde vivem foi identificada como uma sede da organização. Quando procurados pela imprensa recusam-se a falar.

Num desses locais — o número 2.015 da rua Jaceguava, no bairro Crispim, em Itapeverica da Serra — Dalva diz ter sido mantida à mingua, como castigo por sua rebeldia: ela insistia em ver os filhos e desafiava a liderança do grupo. A situação tornou-se aos poucos insustentável e ela foi convidada a deixar a seita novamente, no ano passado.

"Hoje eu percebo que fui vítima de uma lavagem cerebral", avalia Dalva. Sua experiência com os Meninos de Deus ela pretende transformar num livro, que já tem título, **Elite Celestial**: "Espero que esse triste relato me ajude a rever meus filhos".



Flávio Canalunga/AE

As crianças com o pai, em Manilha, e Dalva com seus outros filhos: arrependimento